
NO ESTADO LAICO E DIVINIZAÇÃO DO HUMANO:

UMA ABORDAGEM DO PENSAMENTO ÉTICO

DE LUC FERRY*

Sidnei Vilar Noé**, Douglas Willian Ferreira***

Resumo: *este artigo dispõe sobre a concepção ética de Luc Ferry e seu consequente desdobramento na divinização do homem. Para tal, apresenta-se os pressupostos da moral cristã e a secularização dos elementos éticos do cristianismo mostrando, sobretudo, a centralidade do outro no despertar da consciência moral e do agir ético.*

Palavras-chave: *Ética. Laicidade. Liberdade. Divinização do humano. Luc Ferry.*

Filosofar após o processo de desconstrução¹ pode até parecer impossível ou mesmo uma contradição; no entanto, para Ferry esse não é o fato. No diagnóstico do autor, ao mesmo tempo em que há um rompimento com as velhas concepções do mundo e do ser humano, essa desconstrução filosófica, aparentemente desesperadora e atordoante permite um olhar mais humano, mais real e, na melhor das hipóteses, mais coerente com as situações e experiências vivenciadas cotidianamente pelo homem contemporâneo (FERRY, 2012a, p. 200-201).

Nessa lógica vê-se surgir o humanismo de Luc Ferry formulado, sobretudo, nos princípios da laicização ocorrida no âmbito da moral, da filosofia e da política. A partir disso, o autor afirma a divinização do humano que resultará na concepção do homem-Deus². Para tal apresenta-se a interpretação de Ferry acerca dos em-

* Recebido em: 12.08.2016. Aprovado em: 06.09.2016.

** Professor do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora: área de concentração: Filosofia da Religião. E-mail: sidnei.noe@ufjf.edu.br .

*** Mestre em Ciência da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora; área de concentração: Filosofia da religião e doutorando pelo mesmo programa de pós-graduação dessa instituição. E-mail: douglasinvictus@hotmail.com; Bolsista CAPES.

basamentos filosóficos da contemporaneidade, principalmente no que tange ao pensamento europeu, berço do processo de racionalização e laicização da Filosofia, especialmente na França, ambiente favorável às grandes discussões filosóficas. No entanto, e segundo Luc Ferry, não se podem compreender as discussões que intrigam os filósofos pós-modernos³ sem um fundamental discernimento acerca das principais questões levantadas pela modernidade.

Afinal, é desse contexto de complexas mudanças ideológicas e intelectuais que se vê surgirem, para o autor, os embasamentos de um humanismo⁴ que quer compreender o homem em suas peculiaridades. Mais que isso, Ferry se vê impelido pelos questionamentos acerca do sentido da vida humana (FERRY, 2012b, p. 173-5) e, insatisfeito com as respostas de seu tempo, quer instigar o homem contemporâneo a discernir, através da Filosofia, seus projetos e suas escolhas para assim tirá-lo da ressaca de um niilismo herdado da modernidade, ou seja, a Filosofia permite uma reabertura para a possibilidade do encontro de um sentido.

Discernidas tais contribuições, poder-se-á inferir que a superação do passado não significa um desprezo de suas contribuições nem que se deve fadá-las ao esquecimento. Assessorados pelo processo de secularização inaugurado pelo Iluminismo, percebe-se a contínua valorização do homem e da razão, da liberdade e da autenticidade, do mérito e de uma ética não mais teológica, no entanto, não menos religiosa⁵, de uma laicidade que embasa o crescimento político, humano e até mesmo, o que pode parecer contraditório, espiritual.

A SECULARIZAÇÃO DA MORAL CRISTÃ

Deve ser lembrado que, paralelamente à secularização da ética, segundo Ferry, acontece a secularização política e metafísica, cada qual trazendo consigo a influência e os resquícios da outra. Assim, não se pode falar de uma secularização ética sem levar em consideração as demais. Enfatizam-se aqui as questões éticas, pelo fato de Ferry dividir o campo de investigação da Filosofia em três grandes eixos: teórico – que se relaciona à teoria do conhecimento; ético – relacionado à prática consciente do homem livre; e finalmente à sabedoria, que corresponderia aos elementos salvíficos encontrados na história da Filosofia (FERRY, 2007, p. 31-3).

Segundo Ferry, a moral kantiana é o início de uma secularização humanista da moral, pois, ao desprender-se do teológico-ético, o homem aplica às suas ações um julgamento que parte de sua interioridade, resultando em uma tomada de consciência fundamentada pelos pressupostos democráticos instaurados pelo Iluminismo (FERRY, 2007, p. 146). Visto que não há mais a necessidade de um fundamento ético-teológico, a saber, o decálogo do Antigo Testamento, o homem repensa o espaço

político e social sem a interferência da divindade, embasando suas atitudes éticas no bem-estar que proporciona aos outros. Sobre isso, afirma Vattimo na introdução da obra *Uma ética laica*: “no século XX a filosofia passou da ideia de verdade para a de caridade: o valor supremo não é a verdade como descrição objetiva. O valor supremo é o acordo com os outros” (RORTY, 2010, p. 10-1). Tal consideração, leva à seguinte conclusão: “Temos, então, uma ética fundada no homem” (FERRY, 2012b, p. 34). Para cumprir seu dever, ser honesto e bondoso, atento às necessidades do próximo, justo e humano, não se faz necessária uma heteronomia religiosa, imposta como mandamento, uma vez que não é somente o homem religioso que é dotado de tais virtudes. A existência de grupos religiosos extremistas, e o Estado Islâmico é um exemplo contemporâneo disso, que matam em nome de uma suposta fé, ilustra o grande equívoco da costumeira identificação do ateu com o desrespeito e a imoralidade porque a ausência do respeito à diferença e à liberdade religiosa, que caracteriza tais grupos fundamentalistas⁶, é a prova de que a valoração do homem de fé como homem virtuoso é também errônea, quando utilizado de maneira generalizada. Afinal, é inegável que o respeito à pessoa e ao diferente, e a bondade e a caridade não se reduzem a um patriotismo ou a um exacerbado dogmatismo religioso. Outros tantos exemplos podem ser dados para ilustrar essa ideia de que a capacidade de comportamento ético é um atributo possível a todos os homens, independentemente de ser ele ou não um crente.

Com efeito, quando Kant seculariza a moral, “fica claro, primeiramente, que a exigência da ‘preocupação com o outro’ e até mesmo, se for o caso, do ‘dom de si’ não desapareceu das grandes éticas leigas” (FERRY, 2012b, p. 35), o que permite afirmar que não é por ser leiga, secularizada ou laica que a moral contemporânea esteja revestida de uma desumanidade, intolerância, agressividade ou egoísmo. Essa capacidade de saída de si em favor do outro, que Luc Ferry chama “dom de si”, deve ser a base dessa moral laica. Ao que parece, no entanto, é que, fundamentando-se a moral no “dom de si”, tem-se afirmado, eminentemente, o mesmo pressuposto que sustenta a moral cristã, e, dessa maneira, a tentativa de superação da moral religiosa entra em colapso. Possivelmente o autor não faz um rompimento definitivo, porque buscará no Cristianismo os alicerces para a compreensão das ideais de liberdade e igualdade defendidos veementemente pela modernidade.

A ética cristã, segundo Ferry, diferentemente da ética greco-aristocrática, valoriza a igualdade dos homens enquanto “filhos de Deus” e reconhece nesse mesmo homem a capacidade de um crescimento espiritual que contribui com seu aperfeiçoamento humano-cristão, a partir dos méritos conquistados em suas ações virtuosas e altruístas. Logo, “a dignidade de um ser não depende dos talentos recebidos com o nascimento, mas do que ele faz deles, não da natureza e dos dons naturais, mas da liberdade e da vontade da pessoa humana, quaisquer que sejam seus dotes iniciais” (FERRY, 2012a, p.138). Assim, percebe-se que a

modernidade, por mais autêntica e inovadora que tenha sido, integrou elementos positivos do pensamento moral cristão. Dessa forma, é nítido que Ferry, por mais que se esforce, não consegue romper totalmente com os elementos religiosos, tendo em vista os resquícios do Cristianismo na pós-modernidade, particularmente na compreensão da laicidade tida pelo autor.

A VALORIZAÇÃO DO MÉRITO E DO TRABALHO FUNDAMENTA A ÉTICA UNIVERSALISTA

Nesse raciocínio, até mesmo a ideia de meritocracia, para o autor, deixa de ser uma novidade da modernidade, porque já é percebida nos fundamentos éticos cristãos, nos quais os méritos favorecem o crescimento moral do homem através do aperfeiçoamento dos dons recebidos de Deus (FERRY, 2012a, p. 138). No Cristianismo, a igualdade moral de todos os seres humanos, enquanto imagem e semelhança de Deus, finda com o pensamento grego de que a natureza é que conduz a organização moral hierarquizada e classicista, permitindo aos cristãos entenderem que “a dignidade moral de um ser reside não em sua natureza, que é neutra e sem valor algum do ponto de vista estritamente moral, mas na liberdade” (FERRY, 2012a, p. 140). Com o Cristianismo se vê germinar a primeira moral universalista, na qual os fins morais não pertencem mais ao ser, mas ao “dever ser”. Desse modo o homem se sente instigado a se tornar senhor de si fazendo com que suas ações, resultadas de uma autorreflexão, permitam um afastamento de sua decadência instintiva no intuito de se assemelhar totalmente com a bondade divina e sua racionalidade. É evidente que essa interpretação dos pressupostos morais cristãos, feita por Ferry, lhe garantirá, posteriormente, os fundamentos de uma espiritualidade laica sobre a base do Cristianismo.

Outro fator que embasa a ética cristã herdada, todavia, da tradição judaica, é a eminência do trabalho que, sendo laborioso, retira o homem de seu estado natural e o cumula de virtudes, fazendo com que sua alma busque cada vez mais identificar-se com seu Criador (FERRY, 2012a, p.143). O trabalho é a capacidade de mudança, não somente do ambiente, mas também da interioridade, e quando o cristão reconhece ser esse mundo um meio e não um fim em si mesmo, põe-se a trabalhar por sua salvação. Evidentemente, não interessa a Ferry esse outro mundo, nem mesmo um retorno a Deus ou o alcance da vida eterna. Todavia, essa concepção do trabalho vista sob a ótica secular, garante aqui na terra o aperfeiçoamento do homem com vistas a alcançar o Outro⁷ em sua humanidade.

Quando se consideram as referências que Luc Ferry faz do Cristianismo e de sua valorização dos ideais de liberdade e igualdade, pode-se afirmar, para além do autor, o Cristianismo como a semente do laicismo. Afinal, o próprio Cristo, em um de seus célebres diálogos com os fariseus que O queriam condenar, afirma a necessidade

de se dar a César o que é de César e a Deus o que é de Deus⁸, mostrando assim a grande diferença entre Estado e Religião (FERRY, 2012a, p. 144-5). No âmbito da ética, o mesmo acontece porque o homem não se submete mais cegamente às leis, mas ao foro íntimo, à consciência e à sua capacidade de discernimento. Percebe-se que a moral religiosa influenciou, em muito, a moral republicana, que nada mais é do que um aperfeiçoamento laico daquela. Mesmo que muitos ateus, republicanos ou materialistas não aceitem tal afirmação, os esplendores da religião continuam a brilhar na moral moderna dando a ela condições basilares de uma secularização humanista, sucedendo-se a ela a supervalorização do homem.

Assim, o humano passa a ser o único fundamento do bem e do mal. A moral laica baseia-se na liberdade e na igualdade e toma por fundamento não mais o Deus transcendente, como quer a ética religiosa, mas o próprio homem. Como se vê, “não há uma descoberta surpreendente de novos valores ou de uma nova moral, mas muito mais uma laicização dos valores tradicionais do Cristianismo” (FERRY; GAUCHET, 2008c, p. 26), ilustrado, sobretudo, na *Declaração dos direitos do homem e do cidadão*. Afinal,

a declaração dos Direitos do Homem podia ser lida como uma secularização dos valores cristãos. Nela, encontramos expressa a ideia de uma humanidade enfim reconhecida como UMA, assim como a afirmação, sob diferentes formas, da dignidade pessoal de cada ser humano. O fato de o vocabulário dos ‘direitos’ e do ‘indivíduo’ sobrepor-se exatamente ao do ‘sagrado’ e da ‘alma’ indica suficientemente a amplitude dos deslocamentos, mas também a realidade de uma continuidade (FERRY; COMTE-SPONVILLE, 1999, p. 511-2).

Assim, é perceptível que o princípio do processo de laicização se encontra já dado nos fundamentos religiosos. Afinal, prezar pela dignidade humana era também interesse da ética cristã, mesmo que visasse a uma finalidade diferente em relação à da ética iluminista. Compreende-se assim que esse indivíduo, dotado de dignidade enquanto pessoa, contém em si algo de sobrenatural, ou seja, que supera ou se coloca acima de sua natureza biológica.

A VALORIZAÇÃO DA CONSCIÊNCIA HUMANA: CONTRIBUIÇÃO DOS PRESSUPOSTOS KANTIANOS

Esse elemento espiritual, ou racional, como sugere a filosofia das luzes, possibilita ao homem bastar-se a si mesmo, principalmente no que diz respeito aos embasamentos morais (FERRY, 2012a, p. 153). Kant é quem melhor ilustra essa mudança acontecida no campo da ética, pois, mesmo postulando a existência de Deus, não necessita dele para fundamentar a moral (FERRY, 2010b, p. 23).

Para Luc Ferry, em relação à ética, Kant modifica o lugar de Deus fazendo dele o objeto de uma “fé prática”, relendo tudo aquilo que fora proposto até então, ou seja, agora são as motivações éticas que supõem a existência de Deus e não mais Deus é que supõe os fundamentos éticos. Nesse sentido, Ferry, em sua obra *Kant, uma leitura das três Críticas*, afirma:

*Certamente posso tentar abstrair minha finitude, imaginar-me não mais do ponto de vista do homem finito, mas daquele de um Deus infinito. No entanto, a honestidade intelectual mais elementar me obriga a conservar a consciência clara do fato de que se trata de uma abstração, de uma hipótese fictícia e que é sempre um ser finito que pensa na verdade, mesmo quando ele se toma por Deus. Sendo assim, é sempre preciso partir não deste último, como faz Spinoza na *Ética*, mas do homem, que é e continua sendo um ser radicalmente finito, apesar de suas capacidades de abstração e de invenção* (FERRY, 2010b, p. 24).

Portanto, quanto aos conteúdos, a moral laica permanece íntima da religiosa, e a diferença se encontra na nova forma desse conteúdo, que não se apresenta como uma verdade de fé, mas como livre expressão da consciência do homem que o convoca à ação responsável, fazendo da filosofia o principal agente dessa modificação, ou seja, Ferry instrumentaliza a Filosofia para fundamentar sua concepção moral laica. No entanto, nessa proposta de laicidade do autor, é perceptível a dificuldade de se estruturar uma tal moral definitivamente independente das concepções religiosas. Então, tem-se a impressão de que Ferry, ao tentar superar o pensamento religioso, vê-se submerso no mesmo, porque é íntimo de pressupostos que soam demasiadamente religiosos aos ouvidos dos filósofos.

Além disso, vale ressaltar o fato de que a laicidade valoriza o homem, como propõe Kant em sua *Fundamentação da metafísica dos costumes*, não como um “meio”, mas como “fim”⁹, o que garante novamente a esse homem a dignidade, a eminência, a superioridade e a sublimidade conquistadas no classicismo grego e omitidas pelo pensamento medieval. Não que o homem tenha adquirido a perfeição divina; pelo contrário, sua humanidade é divina, porque ele é capaz de refletir acerca de suas ações e de se desprender de toda e qualquer forma de determinismo (FERRY, 2012a, p. 109). Para Ferry, essa grandeza do homem não pode ser vista como um otimismo, já que se deve reconhecer que no sujeito há também precariedades e decadência; entretanto, o divino se apresenta a partir da capacidade racional e reflexiva do sujeito pensante.

Não se pode preterir de que a moral kantiana confere à modernidade uma universalidade e um desinteresse até então olvidados. A própria formulação do Imperativo Categórico¹⁰ retrata a necessidade e o esforço de se fazer o bem a todos os

homens, estimulando a conscientização da responsabilidade com o outro. Se o homem não quiser ter furtada sua liberdade e sua privacidade, também não tem o direito de ultrapassar os limites estabelecidos em sua relação com outrem. Além disso, para Ferry, Kant é taxativo em mostrar que as ações morais só o são, na medida em que é possível a ação desinteressada, porque somente assim o homem consegue ver no outro uma extensão de si mesmo, respeitando-o em sua humanidade. O homem virtuoso, portanto, é aquele que é conduzido pelo desinteresse, em vista ao bem comum e de uma universalização dos valores que quer promover. A ação desinteressada é aquela que rompe com a natureza humana egoísta e afirmando, a partir disso, a liberdade característica do homem. Por conseguinte, torna-se possível ao homem afastar-se dos determinismos naturais e sociais.

Por fim, se fosse naturalmente bom, o homem não teria a necessidade de recorrer aos imperativos, a uma moral estabelecida e a leis que regem seu comportamento social. Essa é a maior prova de que se pode fugir daquilo que, para Ferry, nos é mais natural, a saber, a inclinação para fazer o mal. Daí surge também o mérito, o reconhecimento valoroso do homem que escolheu agir moralmente, sufocando, muitas vezes, seus interesses particulares.

O APERFEIÇOAMENTO DA “ANTINATUREZA DO HOMEM” ATRAVÉS DA CONSCIÊNCIA

Para que seja compreensível essa antinatureza¹¹ do homem em relação aos determinismos naturais, é relevante apresentar as considerações que Ferry faz acerca da antropologia de Rousseau e a consequente diferenciação entre o homem e o animal, ao afirmar a capacidade do homem de buscar a perfeição (FERRY, 2007, p. 129-130). Assim, Ferry encontra o rigor necessário para sua defesa da liberdade como algo supranatural e, por conseguinte, como alicerce da moral laica no pensamento de Rousseau e de Kant, principalmente porque, para o autor, a filosofia de Rousseau leva o homem a uma autorreflexão e a rigorosos questionamentos sobre si mesmo e sua ação no mundo. Dentre tais questionamentos, não se pode fugir, ao menos dos seguintes: o que faz do homem esse ser tão importante a ponto de se tornar, ele mesmo, depois da modernidade, o embasamento moral, científico, filosófico, artístico e religioso? O que garante confiar no homem, quando suas atitudes despertam uma infundável desconfiança? Essas indagações ajudarão a compreender aquilo que no homem ultrapassa sua natureza e que o singulariza em meio a todos os outros animais.

Aparentemente contraditório, tendo em vista que toda a filosofia de Ferry se pauta na capacidade do homem de amar e fazer o bem, o autor, amparado pela antropologia de Rousseau, afirmará ser o mal a característica singular do homem e a

demonstração de que ele não é programado nem guiado pela natureza. Assim, todos os outros animais que são determinados por seus códigos genéticos e pelos instintos, são incapazes de fazer o mal pelo mal, ou seja, fazer o mal por prazer. Se um animal mata o outro é unicamente por instinto de sobrevivência e não por simples vingança, desprezo ou ódio. Enfim,

o mal radical, a respeito do qual se pode pensar, na perspectiva de Rousseau, que os animais desconhecem, e que é um feito apenas dos humanos, está em outra coisa: ele reside no fato não mais simplesmente de 'fazer maldade', mas de fazer uso do mal como projeto (FERRY, 2007, p. 134).

Alguns homens são masoquistas e têm prazer em ver o sofrimento alheio, muitas vezes infligindo, de todos os modos, vinganças asquerosas àqueles que negativamente marcam sua vida. Percebe-se assim que, ao contrário dos animais, o ser humano pode escolher fazer o mal.

Em tal diagnóstico, Luc Ferry parece caracterizar o ser humano como sendo unicamente uma criatura maldosa; no entanto, mesmo com tais colocações, o que se vê em sua filosofia é antes um exacerbado otimismo em relação à humanidade. Nessa análise do mal, Luc Ferry demonstra uma contradição em relação à sua concepção humanista de defesa da não existência de uma essência humana, pois, ao apresentar esse argumento do mal como aquilo que permite distinguir o homem do animal, o autor sujeita o homem a certo determinismo: é como se esse mesmo homem existisse segundo os auspícios de uma essência maldosa pré-estabelecida.

O mal a que Rousseau remete, e que Luc Ferry apresenta como característica singular do homem, se expressa no ódio. Tem-se assim, – como defende o neurobiólogo Jean- Didier Vincent na obra *O que é o ser humano?* escrita com Luc Ferry –, que aquilo que é singular no homem é a capacidade de expressar suas emoções fundamentais nas paixões que resultam de sua consciência. Por isso, “o animal não conhece o ódio, mas conhece a agressividade e o medo que o fazem fugir ou atacar um adversário”, e ainda “só o homem conhece o ódio e o amor, talvez porque o desenvolvimento ‘fabuloso’ de seu córtex pré-frontal lhe permite uma apreensão do tempo, graças a categorizações e representações¹² das quais o animal é incapaz” (FERRY; VINCENT 2011, p. 170). O desenvolvimento do cérebro permite ao homem uma avaliação e criação de estratégias diante dos problemas, além de lhe oferecer a possibilidade de dar sentido às emoções, fazendo com que o homem seja consciente das mesmas. Constata-se que a consciência e o conhecimento embasam essa desmedida do homem, e só por elas consegue-se fugir aos constrangimentos da natureza, mesmo que, como aponta Ferry, pela via do mal.

Para o autor, o homem, “quando assume o mal como projeto, quando tortura gratuitamente, comete um excesso em relação a toda e qualquer lógica natural” (FERRY, 2012c, p. 27). Esse apontamento de Ferry encontra em sua elaboração uma clara indicação de elementos religiosos, porque a essa capacidade de fazer o mal pelo mal a Teologia denominará como demoníaco e diabólico (FERRY, 2007, p. 133). E o próprio autor reconhecerá esse elemento ao dizer que o mal radical “reside no fato não simplesmente de ‘fazer mal’, mas de considerar o mal enquanto tal como projeto – o que a teologia tradicional designava como o demoníaco” (FERRY, 2012c, p. 27). Nessa situação o homem não é indiferente ao que está fazendo, ele o faz sabendo que o faz mostrando friamente a consciência de sua ação. No animal, ao contrário, vê-se uma relação entre predador e presa, que não expressa, como no homem, uma ação consciente, mas instintiva. Assim sendo, o que é particular ao homem é o fato de ele ultrapassar, continuamente, os determinismos impostos pela natureza, singularmente, pela liberdade que lhe é peculiar; dessa maneira, não somente o demoníaco pode ser projetado, mas, acima de tudo, superado, à medida que o homem toma consciência de sua liberdade.

O demoníaco, por ser justamente de uma ordem diferente da natureza, escapa a toda lógica. Ele não serve para nada, na maioria das vezes é até contraproducente. É essa vocação antinatural, essa constante possibilidade do excesso que, aliás, vemos no olho humano: por não refletir apenas a natureza, podemos decifrar nele o pior e o melhor, o mal absoluto e a generosidade mais surpreendente. É esse excesso que chamo de liberdade (FERRY, 2012c, p. 28).

A liberdade defendida por Ferry intenta romper com a heteronomia religiosa, bem como, com o materialismo que querem extirpar, segundo o autor, o humanismo e sua conseqüente valorização da autonomia. Ao fazê-lo, por sua vez, o materialismo não permite fundamentar o universalismo; por outro, a heteronomia religiosa não permite conferir à liberdade um caráter consciente e racional; isto é, porque é livre e capaz de transcender a si mesmo é que o homem consegue, além do mal, compreender o outro e buscar um aperfeiçoamento pessoal que

designa, numa primeira abordagem, a faculdade de se aperfeiçoar ao longo da vida, enquanto o animal, guiado desde a origem e de modo seguro pela natureza, como se dizia na época [de Rousseau], pelo ‘instinto’, é, por assim dizer, perfeito ‘de imediato’, desde o nascimento (FERRY, 2007, p. 130).

No entanto, o homem, porque se excede, também consegue sair de seu egoísmo e compreender o outro; consegue se aproximar dos sentimentos e aflições alheias;

consegue partilhar experiências e ter a intenção de partilhá-las. Posto isso, o excesso ao demoníaco acarreta, na mesma proporção, a capacidade de fazer o bem quando busca se aperfeiçoar cada vez mais (FERRY, 2007, p. 130), ou seja, o homem não se deixa reduzir ao mal como projeto, preferindo exceder-se nas boas ações. Trata-se de uma questão de motivação, pois, se movido pelas emoções positivas age no amor, e do contrário, movido pelas emoções negativas, age na maldade. No entanto, ambos retratam a capacidade que o homem tem de partilhar seus sentimentos e expressá-los em suas ações.

O EXCESSO E A LIBERDADE COMO DIVINIZAÇÃO DO HOMEM

Igualmente, pelo excedente, o homem não pode ser encerrado nas formulações deterministas que surgiram com os materialistas e também com os biólogos na modernidade (FERRY; VINCENT, 2011, p. 23). Nesse seguimento, Ferry não se abstém em criticar, por exemplo, o materialismo de Marx, que quer restringir a vida do homem a uma luta de classes fundamentada nas relações materiais, porque compreende o homem limitadamente a partir de suas necessidades materiais. Para Ferry, Marx não percebe que o socialismo e o comunismo, por ele formulados, acabam por substituir a transcendência religiosa, levando o homem à alienação. E finalmente, na mesma esteira de contraposições encontra-se, segundo Ferry, a psicanálise freudiana, que também aprisiona o homem em sua sexualidade, colocando-o como refém de seu inconsciente, que a todo instante remete o indivíduo a uma ação determinada e regida pelo sexual (FERRY; COMTE-SPONVILLE, 1999, p. 37).

Contrariamente a toda compreensão determinista do humano, a antropologia rousseuniana, desenvolvida no *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens* (1991), permite conhecer o homem para além de seu egoísmo natural, ao escapar dos códigos deterministas da realidade histórico-material e biológica no qual muitos autores, como os já mencionados, tentaram aprisionar esse mesmo homem. Dominar a si mesmo, ser superior aos desejos e instintos, ser capaz de refletir seus atos e agir humanamente é mais comum ao homem do que um simples aprisionamento em categorias deterministas. Poder agir para além de uma vida material ou para além de uma motivação sexual mostra que o homem é capaz de ações desinteressadas. Por outro lado, o descrédito nessa capacidade de excesso do homem subtrai dele a possibilidade de uma ação espiritual. Apesar de tudo, a ação desinteressada é o resultado de uma consciência moral, e, por isso, humana e racional que todos os homens possuem. Nessa continuidade, a famosa fórmula de Rousseau (1991, p. 243) “a vontade fala mais alto quando a natureza se cala” evidencia o desejo do homem de se colocar acima dos códigos naturais, ao que Luc Ferry

(2012a, p. 160) esclarecerá: “o homem é tão pouco programado pela natureza que ele pode se voltar para o pior (ele pode fumar e se embriagar até a morte) como para o melhor (pode dar mostras de uma generosidade sem equivalente na natureza)”, sendo por isso, um ser divinizado, porque capaz de se deixar guiar por sua natureza espiritual. Esse componente espiritual, de caráter laico, que fundamenta o próprio ser do homem, “que rejeita a possibilidade da santidade, que rejeita o aperfeiçoamento da vida de um indivíduo e se aproxima, entretanto, da possibilidade de aperfeiçoar a sociedade humana” (RORTY, 2010, p. 25), é o que caracteriza o divino no homem.

O desinteresse elucidava essa capacidade de desmedida do homem, porque mostra que é possível fugir do domínio de uma natureza egoísta, em vista do bem comum. Não de um bem comum utilitarista, que acaba por visar unicamente ao próprio ego, ou seja, que leva a agir “desinteressadamente”, quando, na verdade, as motivações das ações visam unicamente aos interesses e ao bem-estar próprio, mas ao bem comum resultante da ação verdadeiramente moral na qual

[...] a ação desinteressada, isto é, aquela que testemunha este próprio do ser humano que é a liberdade entendida como faculdade de escapar a toda determinação por uma essência prévia: enquanto minha natureza – uma vez que também sou, mas não somente, animal – me impele, como toda natureza, ao egoísmo (que é simplesmente uma variante do instinto de conservação para mim e para os meus) tenho também [...] a possibilidade de desviar-me dela para agir de modo desinteressado, altruísta. Sem a hipótese da liberdade, esta ideia de ação desinteressada não teria evidentemente nenhum sentido (FERRY; VINCENT, 2011, p. 38).

Luc Ferry não exclui a animalidade no homem, mas quer alçar o homem para aquilo que o transcende, ou seja, constatar que, para além de seu egoísmo, o desinteresse também o constitui.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O fato é que na contemporaneidade o egoísmo parece orientar as ações humanas mais que o desinteresse, e isso faz desacreditar do homem, vendo nele a força da animalidade superando a capacidade de transcender a esses determinismos, e ofuscando aquilo que lhe é mais divino. O que Luc Ferry deseja é romper, ou pelo menos diminuir, a descrença do homem em relação a si mesmo, ressaltando sua capacidade de agir humanamente. Essa visão otimista, que afirma a superioridade da humanidade, soa aos contemporâneos como uma utopia e mesmo, como ilusão, pois parece não ser possível acreditar que o homem seja

capaz, em meio a tantas desgraças causadas por seu egoísmo e pela destruição em massa, de realizar uma centelha de bondade em relação aos demais. E, no entanto, tem-se de reconhecer também que, diferentemente dos animais, é possível ao homem transformar o mundo e aperfeiçoá-lo. É por isso que a capacidade de transcender a natureza ganha uma conotação sobrenatural que se identifica com aquilo que é característico no homem. Essa é a questão que mais interessa a Luc Ferry no humanismo das Luzes¹³.

Talvez o que não permite ao homem contemporâneo um esforço em se desembaraçar desse egoísmo natural é o fato de que o desinteresse e mesmo a ação altruísta exigem um sacrifício daquilo que aparentemente é mais natural ao homem. Nesse sentido, cabe o questionamento: Quem estaria disposto a se sacrificar permanentemente por uma humanidade que não parece retribuir tal esforço? É por isso que no âmbito das relações mais íntimas, segundo Ferry, esse esforço parece ser compensado pelo simples desejo de fazer o bem àqueles a quem o homem ama; de outro modo, o sacrifício em prol de toda a humanidade se associa muito mais a um masoquismo do que à caridade. Mesmo assim, é possível encontrar pessoas dispostas a abdicarem de si mesmas em favor de outras. É o que se constata, muitas vezes, nas escassas, mas ainda assim existentes, ações caritativas.

IN THE SECULAR STATE THE DEIFICATION OF THE HUMAN: AN APPROACH TO ETHICAL THINKING LUC FERRY

Abstract: this article deals with the ethical conception of Luc Ferry and his consequent deployment in man's deification. To this end, it presents the assumptions of Christian morality and the secularization of the ethical elements of Christianity showing, mainly, the centrality of the other in the awakening of the moral conscience and ethical behaviors.

Keywords: Ethics. secularity. freedom. deification of man. Luc Ferry.

Notas

- 1 A desconstrução será, para Ferry, o momento histórico de rupturas acontecidas no século XX e que marcam a modernidade com inovações no âmbito moral e intelectual. Desconstruam-se os valores e as autoridades tradicionais findando com as ilusões difundidas pelos mesmos (FERRY, 2012a, p. 44). Veremos mais adiante a interpretação de Ferry sobre esse momento da história do pensamento, bem como os principais responsáveis por esse processo.
- 2 O homem-Deus é a expressão da sacralidade própria de cada indivíduo perante a humanidade. De maneira geral, a capacidade de pensar e acima de tudo a capacidade de amar, faz do homem um ser, dentre todos os demais, divino. Somente a divindade possui amor

tão gratuito, e não havendo divindade, mas tão somente o homem, e sendo este capaz de tal amor, podemos dizer que o homem é um ser divino (FERRY, 2012b, p. 204). É evidente que o uso desse conceito resulta em grandes problemas; um deles, tão combatido por Ferry, é o fato de o homem estar tão cheio de si e acabar dominando os outros por acreditar-se divino. No entanto, essa interpretação é redutora demais daquilo que Ferry quer propor em seu conceito

- 3 Ferry cita François Furet, Marcel Gauchet, Pierre Manent, Philippe Raynaud, etc. (2012c, p. 70).
- 4 Vale lembrar a distinção que Ferry faz de dois humanismos: o Primeiro Humanismo se relaciona àquele gerado pelas propostas iluministas, no qual a razão tem um papel fundamental, porque é ela que faz do homem um ser excepcional e em muito, superior aos demais seres. Já o Segundo humanismo, proposto por Luc Ferry, surge após o processo de desconstrução da metafísica e da secularização moral e se caracteriza por valorizar, acima da razão, o amor. Alude-se aqui ao humanismo das luzes (FERRY, 2012b, p. 198-199).
- 5 Isso porque, mesmo quando Ferry tenta escapar dos pressupostos religiosos, o autor parece reafirmá-los: basta notar que o fundamento de seu humanismo do homem-Deus é o amor agápico, o mesmo amor que estrutura o cristianismo desde seus mandamentos até as práticas de amor realizadas por Cristo e que podem ser lidas nos Evangelhos.
- 6 Toma-se como compreensão do termo fundamentalismo aquilo que Karen Armstrong afirma em sua obra *Em nome de Deus*: “São formas de espiritualidade combativas, que surgiram como reação a alguma crise. Enfrentam inimigos cujas políticas e crenças secularistas parecem contrárias à religião. [...] e sob a orientação de seus líderes carismáticos, refinam o ‘fundamental’ a fim de elaborar uma ideologia que fornece aos fiéis um plano de ação. Acabam lutando e tentando ressacralizar um mundo cada vez mais céptico (sic)” (2001, p. 11).
- 7 Entende-se como Outro aquele que faz a mediação do eu com a consciência e que se apresenta a mim como semelhante a mim. Portanto, o outro ajuda o homem a tomar consciência de si. Vê-se assim a forte influência da filosofia de Sartre para a compreensão desse conceito.
- 8 Para isso ver: O tributo a César (Mt 22, 15-22)
- 9 “Ora digo eu: - O homem, e, duma maneira geral, todo o ser racional, existe como fim em si mesmo, não só como meio para o uso arbitrário desta ou daquela vontade. Pelo contrário, em todas as suas ações, tanto nas que se dirigem a ele mesmo como nas que se dirigem a outros seres racionais, ele tem sempre de ter considerado simultaneamente como fim” (KANT, 2007, p. 68).
- 10 “Age de tal modo que a máxima de tua vontade possa sempre valer ao mesmo tempo como princípio de uma legislação universal” (KANT, 2006, p. 47).
- 11 Luc Ferry entende a antinatureza do homem ou o supranatural como “a ideia de uma liberdade enraizada na ausência de natureza. É porque o homem é, de algum modo, justamente por causa de sua liberdade, transcendente em relação ao mundo, exterior e superior a ele, que ele pode julgar moralmente, em nome de um ideal que não está inscrito nele” (FERRY, 2012a, p. 158-159). Ou ainda, “O animal e a natureza são um só. O homem e a natureza são dois. Não se poderia traduzir melhor o pensamento de Rousseau: o animal é um ser da natureza, inteiramente confundido com ela; o homem é, ao contrário, um excesso; ele é, por excelência, o ser antinatural” (FERRY, 2007, p. 144).
- 12 Jean-Didier Vincent faz uma distinção entre representações e representações. As representações são todas as coisas que estão inscritas no cérebro de todos os animais, sendo isso

algo simples e comum. Já as representações são mais complexas e se caracterizam por “ser exatamente o próprio do homem. São movimentos de músculos especializados da garganta, ou na falta desses gestos da mão que formam sinais destinados ao outro e permitem partilhar com ele essas representações. Este conjunto de representações pertencendo não mais a um só, mas a uma coletividade de indivíduos, chama-se linguagem” (FERRY; VINCENT, 2011, p. 127).

- 13 O humanismo das luzes é aquele que se fundamenta sobre a capacidade racional do homem e que resulta no universalismo republicano, no antirracismo, no antissexismo e nos direitos do homem. Para o autor, esse humanismo nasce das concepções filosóficas do autor italiano Pico della Mirandola.

Referências

- AMSTRONG, Karen. *Em nome de Deus*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- BÍBLIA Português. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2002.
- FERRY, Luc. *A revolução do amor – Por uma espiritualidade laica*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012^a.
- FERRY, Luc. *Aprender a viver*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.
- FERRY, Luc. *Kant: uma leitura das três críticas*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2010b.
- FERRY, Luc. *O anticonformista – Uma autobiografia intelectual; (Entrevistas com Alexandra Laignel- Lavastine)*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2012c.
- FERRY, Luc. *O homem-Deus, ou, O sentido da vida*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2012b.
- FERRY, Luc ; COMTE- SPONVILLE, André. *A sabedoria dos modernos – Dez questões para o nosso tempo*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- FERRY, Luc; GAUCHET, Marcel. *Depois da Religião. O que será do homem depois que a religião deixar de ditar a lei?* Rio de Janeiro: DIFEL, 2008c.
- FERRY, Luc ; VINCENT, Jean-Didier. *O que é o ser humano? Sobre os princípios fundamentais da filosofia e da biologia*. Petrópolis: Vozes, 2011.
- KANT, Immanuel. *Crítica da Razão Prática*. São Paulo: Escala, 2006.
- KANT, Immanuel. *Fundamentação da metafísica dos costumes*. Lisboa: Edições 70, 2007.
- RORTY, Richard. *Uma ética laica*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*. São Paulo: Nova Cultural, 1991.